



PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E O ENGAJAMENTO DE MULHERES DE COMUNIDADES TRADICIONAIS E RIBEIRINHAS DO PANTANAL SUL-MATO- GROSSENSE

SIMONE PRINCIPE RONDON HELOÍSA BRUNA GRUBITS FREIRE

RESUMO

O engajamento de mulheres em comunidades tradicionais e ribeirinhas do Pantanal sul-mato-grossense tem demonstrado seu protagonismo na valorização e fortalecimento da cultura e da organização para o trabalho, através de associações e cooperativas que desenvolvem diversas atividades voltadas para pesca artesanal, a coleta de frutos, a agricultura familiar, a produção de artesanato, além da preservação do meio ambiente e enfrentamento das problemáticas ambientais. Os grupos femininos também atuam ativamente na garantia dos seus direitos, buscando melhores condições de saúde, educação, saneamento básico, transporte e outras políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável dessas regiões. Este estudo terá como principal objetivo conhecer as formas de organização desses grupos de mulheres, bem como os aspectos gerais de suas atividades nas comunidades com foco na sua subsistência, a partir das perspectivas da Psicologia Comunitária. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, observacional, com enfoque metodológico qualitativo. A população a ser estudada envolve mulheres acima de dezoito anos, integrantes de comunidades tradicionais e ribeirinhas do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Os dados observados serão relacionados com os conceitos Psicologia Comunitária, que busca compreender a vida cotidiana e concreta das pessoas em uma dada realidade sócio-histórica e como esse modo de vida influencia e é influenciado por seus moradores, sendo capaz de transformá-la em seu próprio benefício e de toda a coletividade. A relevância científica deste trabalho reside na possibilidade de conhecer e compreender os diferentes aspectos das experiências de mulheres neste contexto, visando a promoção e a manutenção das características dos seus modos de viver e se organizar na sociedade, em busca de sua autonomia financeira e subsistência. Nessa perspectiva, observou-se a necessidade das mulheres em se organizar em associações para o trabalho em suas comunidades, de exercerem suas habilidades com os recursos naturais existentes, além da busca por serem ouvidas e contempladas em seus direitos, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Psicologia; Comunidades; Pantanal; Protagonismo, Feminino.

1 INTRODUÇÃO

O engajamento de mulheres em comunidades tradicionais e ribeirinhas do Pantanal sul-mato-grossense tem demonstrado seu protagonismo na valorização e fortalecimento da cultura e da organização para o trabalho, através de associações e cooperativas que desenvolvem diversas atividades voltadas para pesca artesanal, a coleta de frutos, a agricultura familiar, a produção de artesanato, além da preservação do meio ambiente e enfrentamento das problemáticas ambientais. Os grupos femininos também atuam ativamente na garantia dos seus direitos, buscando melhores condições de saúde, educação, saneamento básico, transporte e outras políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável dessas regiões. Este estudo terá como principal objetivo conhecer as formas de organização desses grupos de

mulheres, bem como os aspectos gerais de suas atividades nas comunidades com foco na sua subsistência, a partir das perspectivas da Psicologia Comunitária.

A Psicologia Comunitária é área da Psicologia que visa a compreensão de aspectos da vida cotidiana e concreta das pessoas em uma dada realidade sócio-histórica, e como esse modo de vida impacta e é impactado por seus moradores. Um dos alvos da Psicologia Comunitária é contribuir para o desenvolvimento comunitário, que ocorre por meio da conscientização de suas realidades e do fortalecimento dos indivíduos, possibilitando o desenvolvimento de seus próprios recursos e potencialidades em diversas áreas. Esse processo facilita a organização e ação participativa e compartilhada dos moradores em direção ao enfrentamento e resolução de seus problemas, a autonomia e superação das desigualdades sociais (Góis, 2008; Montero, 1984; Quintal, 2016). Os estudos com base em Psicologia Comunitária podem contribuir ainda nas intervenções em situações de adversidades crônicas, tais como a seca, queimadas, enchentes, a desigualdade social, violência em geral, entre tantas outras encontradas no contexto brasileiro e latino-americano.

Neste sentido, na América Latina, a expressão “Psicologia Comunitária” é utilizada desde 1975, com o objetivo de se criar um novo sentido para a Psicologia Social, cujas pautas essenciais tinham foco nos estudos de grupos, questões específicas da conduta, o ajustamento social, as atitudes, o estereótipo e as relações interpessoais (Leyens, 1979).

Desta forma, a Psicologia Comunitária apresenta-se pautada em dois grandes modelos: o do desenvolvimento humano e o da mudança social (busca de alternativas sócio-políticas), os quais existe a ênfase em uma visão positiva da comunidade e das pessoas. Nesses modelos está presente o reconhecimento da capacidade do indivíduo e da própria comunidade de serem responsáveis e competentes na construção de suas vidas, bastando para isso a existência de certos processos de facilitação social baseados na ação local e na conscientização.

Nesta concepção, pretende-se com este estudo, no âmbito da Psicologia Comunitária, conhecer e compreender os diferentes aspectos das experiências de mulheres no contexto de suas comunidades tradicionais e ribeirinhas, visando a promoção e a manutenção das características dos seus modos de viver e se organizar na sociedade em busca de sua autonomia financeira, subsistência e luta por seus direitos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa delimitou-se a partir de grupos de mulheres acima de dezoito anos que se organizam como produtoras, isqueiras, trabalhadoras autônomas, brigadistas, dentre outras ocupações dentro e fora de suas comunidades, denominadas como tradicionais ou ribeirinhas, localizadas no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Traduz-se em uma pesquisa exploratória, descritiva e observacional, com enfoque metodológico qualitativo, pautada nos conceitos da Psicologia Comunitária. Os dados observados serão relacionados com os conceitos Psicologia Comunitária, que busca compreender a vida cotidiana e concreta das pessoas em uma dada realidade sócio-histórica e como esse modo de vida influencia e é influenciado por seus moradores, sendo capaz de transformá-la em seu próprio benefício e no de toda a coletividade.

Objetiva-se com este estudo, conhecer as formas de organização dos grupos de mulheres, bem como os aspectos gerais de suas atividades de subsistência nas comunidades onde residem e se sentem pertencentes, a partir das perspectivas da Psicologia Comunitária.

Este trabalho nasce das experiências vividas durante a construção da pesquisa científica intitulada Ecofeminismos: A Qualidade de Vida de Mulheres do Pantanal Sul-Mato-Grossense no Cenário das Problemáticas Ambientais, do Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde, da Universidade Católica Dom Bosco, na cidade de Campo Grande - MS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paulo Freire reconhecia a importância das comunidades ribeirinhas e sua relação com o meio ambiente. Segundo ele, as comunidades possuem um conhecimento tradicional e prático sobre a natureza, adquirido ao longo de gerações de convivência harmoniosa com o rio e a floresta (FREIRE, 2000). Além disso, também destaca que as comunidades ribeirinhas são afetadas por questões sociais, políticas e econômicas, como a falta de acesso a serviços básicos, a exploração econômica e o desmatamento e defendia a conscientização e a mobilização dessas comunidades para transformarem sua realidade e lutarem por seus direitos. As comunidades tradicionais possuem uma relação estreita com o meio ambiente, na medida em que seus modos de vida são baseados na agricultura, pesca e extrativismo, e portanto dependem dos recursos naturais para sua sobrevivência. É caracterizada por sua organização social, que é baseada em relações de parentesco e de cooperação mútua. Além disso, sua cultura é preservada por meio da transmissão oral de histórias, lendas, rituais e crenças.

Durante a pesquisa observou-se que “as mulheres das comunidades locais do Pantanal lutam por sua autonomia econômica desempenhando uma série de trabalhos árduos e que são duramente afetados pelas queimadas, pela seca dos rios, pelo desmatamento e, por isso, unem esforços para reivindicar políticas ambientais e sociais, para denunciar irregularidades e exigir respeito pelo ambiente que preservam” (ZIOLKOWSKI, 2019).

Algumas comunidades têm a sua organização sócio-espacial afetada pelo fator econômico devido a instalação e ampliação de empresas de mineração e de carvão que, nos últimos anos, tem interferido em suas estruturas por causarem impactos na organização social da comunidade pela retirada de várias famílias residentes dentro da área de interesse das referidas empresas.

Em contrapartida, a solidariedade é percebida por meio da adesão à causa grupal, com a finalidade de superar as adversidades e conquistar benefícios comuns a todos. De acordo com Ojeda (2005), aborda o reconhecimento do dano sofrido pela comunidade causado por um desastre ou catástrofe, mas enfatiza que essa situação dolorosa pode também significar a mobilização de recursos e capacidades solidárias da população para promover transformações físicas e sociais na comunidade.

O desenvolvimento econômico de uma comunidade fomenta sua resiliência na medida em que oferece diversidade em recursos econômicos e sua igualdade na distribuição. O desenvolvimento da Competência Comunitária refere-se às capacidades de tomada de decisão, ação coletiva significativa e intencional, habilidade de engajamento construtivo em processos de grupo, o empoderamento, a confiança mútua e disposição para trabalhar pelo bem comum da comunidade (Norris et al., 2008).

3.1 AS MULHERES PRODUTORAS DO PANTANAL

Os grupos produtivos de mulheres das comunidades estão organizados em “*Associação de Mulheres Produtoras e/ou Extrativistas*” e a referida localidade, de direito privado, sem fins lucrativos. O objetivo das entidades encontradas nas comunidades tradicionais e ribeirinhas é congregar mulheres que exerçam atividades econômicas baseadas no extrativismo não madeireiro, que inclui a exploração sustentável de frutos nativos e da pesca, prestação de serviços, turismo, gastronomia e artesanato.

As associações de Mulheres Produtoras trabalham com o processamento de derivados do Jaracatiá, Laranjinha-de-Pacu, Bocaiuva, Acuri, dentre outros, produzidos e comercializados em forma de geleias, doces em calda, farinhas, pães, rapaduras, barras de cereal, além do artesanato aguapé. (Ecoa, 2021).

3.2 AS MULHERES ISQUEIRAS DO PANTANAL

A coleta de isca tornou-se a base para outros setores econômicos importantes no Pantanal. A atividade das *Isqueiras* relaciona-se diretamente com a cadeia produtiva da pesca

e turismo. O aumento da demanda por iscas vivas fez com que algumas comunidades ribeirinhas se especializassem na coleta de peixes de pequeno porte, como lambaris e tuviras, que são utilizados para atrair as espécies maiores, como dourados e pintados. Atualmente, as mulheres são maioria nessa profissão e assim conseguem garantir sua autonomia financeira. As *Isqueiras* como são chamadas as coletoras de iscas vivas, não possuem um ponto de coleta fixa, pois visitam diversas baías dependendo da oferta de iscas encontradas.

Nos aspectos relacionados a insalubridade e riscos à profissão, em algumas comunidades do Pantanal, a coleta de iscas é a principal atividade econômica desenvolvida. Para exercer a atividade, é necessário permanecer submerso em água por longos períodos, em turnos que podem durar até 10 horas. Tal situação faz com que surjam riscos e insalubridades. Além da ameaça de ataques de animais como onças, jacarés, cobras e arraias, também há perigos para a saúde desses grupos, cuja constante imersão na água provoca fungos, alergias e problemas ginecológicos, principalmente nos períodos de decoada, quando as águas apodrecem e ficam impróprias para uso (ECOIA, 2020). Para minimizar os riscos, a solução viabilizada foi a distribuição de botas e macacões de PVC, porém não estão disponíveis para todas.

3.3 AS MULHERES BRIGADISTAS DO PANTANAL

Parte das mulheres da comunidade são formadas como *Brigadistas* e possuem treinamento e equipamentos para combater o fogo das queimadas, constantemente zelando pela conservação e recuperação do meio ambiente frente aos desastres naturais. Os principais impactos ambientais incluem: os desmatamentos, a erosão das margens do rio (falta de proteção das margens do rio Paraguai comprometendo a estabilidade dos solos e afetando a qualidade da água), a pesca predatória (problema crônico na região, prejudicando a biodiversidade aquática e comprometendo a sustentabilidade da pesca), o extrativismo ilegal (de espécies nativas, como a babaçu e o açaí, tem causado impactos na vegetação local). Esses impactos ambientais contribuem para o desequilíbrio ecológico da região e diminuem a qualidade de vida das comunidades locais.

Ao mesmo tempo, trabalham com a pesca artesanal, e como *Piloteiras* de barcos de turismo em geral, além de também terem empregos fora da comunidade.

4 CONCLUSÃO

Os empreendimentos que causam impactos socioambientais nos territórios acabam por produzir confrontos com os meios de sobrevivência das comunidades locais, desencadeando uma série de conflitos que tendem a reafirmar o papel das resistências comunitárias. Nestes conflitos de origem popular observa-se a constante participação das mulheres como líderes e articuladoras comunitárias (SVAMPA, 2012; KOROL, 2016; MERLINSKY, 2017).

Mulheres em comunidades tradicionais e ribeirinhas enfrentam diariamente desafios específicos em relação a produção do seu sustento, acesso a seus direitos e no enfrentamento das problemáticas ambientais que afetam diretamente os seus meios de produção e subsistência. Mesmo diante de tantas dificuldades, perseveram e alimentam em si continuamente o sentimento de orgulho que possuem pelo lugar onde moram, incluindo o amor por sua terra, preservando a sua identidade de lugar e desenvolvendo a resiliência comunitária como a habilidade de um sistema humano de absorver o impacto e se reorganizar, mantendo a mesma função, estrutura e identidade enquanto passa por graves mudanças (González-Muzzio, 2013; Wilson, 2013b).

REFERÊNCIAS

ECOIA. Reaprendendo com os ciclos hidrológicos do Pantanal. 2017. Disponível em: https://issuu.com/ecologiaeacao/docs/cartilha_20clima_202017. Acesso em: 04 de novembro

de 2020.

Catálogo Cerrapan, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GÓIS, C. W. de L. (2008). *Saúde comunitária: Pensar e fazer*. São Paulo, SP: Aderaldo & Rothschild.

GONZÁLEZ-MUZZIO, C. (2013). El rol del lugar y el capital social en la resiliencia comunitaria pós desastre. *Aproximaciones mediante un estudio de caso después del terremoto del 27/F. Eure*, 39(117), 25-48. doi: <http://doi.org/10.4067/S0250-71612013000200002>.

KOROL, C. *Somos terra, semilha, rebeldia. Mujeres, tierra y territorio em América Latina*. Cidade do México: América Libre, 2016.

Sílvia T.M. (1984). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia, in Lane, Sílvia T. M.; Codo, Wanderley; e outros (1984), *Psicologia Social: o homem em movimento*, 5ª ed., 1987, São Paulo, editora brasiliense: 10- 19.

LEYENS, Jacques-Philippe (1979). *Psychologie Sociale*, Bruxelas, Pierre Mardaga (trad. de Isabel Braga e Antonio Santos, *Psicologia Social*, Lisboa, Edições 70, 1988).

MERLINSK, G. (2017). Los movimientos de justiça ambiental y la defensa de lo común em América Latina. Cinco tesis em elaboración. In: ALIMONDA, H.; PÉREZ, C. T.

MONTERO, M. (1984). La psicología comunitaria: orígenes, principios y fundamentos teoricos. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 16(3), 387- 400.

NORRIS, F. H., Stevens, S. P., Pfefferbaum, B., Wyche, K. F., & Pfefferbaum, R. L. (2008). Community resilience as a metaphor, theory, set of capacities, and strategy for disaster readiness. *American Journal of Community Psychology*, 41(1-2), 127-150. doi: <http://doi.org/10.1007/s10464-007-9156-6>.

OJEDA, E. (2005). Uma concepção latino-americana: A resiliência comunitária. In A. Melillo & E. Ojeda (Eds.), *Resiliência: Descobriendo as próprias fortalezas* (pp. 47-57). Porto Alegre, RS: Artmed.

QUINTAL, M. de F. (2016). Desafios atuais e antigas sutilezas nas práticas da psicologia social comunitária. *Psicología, Conocimiento Y Sociedad*, 6(1), 131-163.

SVAMPA, M. Consenso de los commodities, giro ecoterritorial y pensamiento crítico en América Latina. In: COSTILLA, L. F. O. (coord) *Movimientos socioambientales en América Latina*. Buenos Aires: Gráfica Laf, 2012.

WILSON, G. A. (2013b). Community resilience, social memory and the post-2010 Christchurch (New Zealand) earthquakes. *Area*, 45(2), 207-215. doi: <http://doi.org/10.1111/area.12012>.